

P.F. Filipini

PÔR A PRUMO O TEMPO

Porto Velho – Rondônia, 2019

2019 © by P.F. Filipini



Rua Marechal Deodoro, 1956 C Centro
CEP: 76804-098 Porto Velho-RO
(69) 99246-7839 (WhatsApp)

Projeto Editorial / Gráfico: Temática Editora
Preparação de originais e revisão
Abel Sidney

Diagramação e arte-final da capa
Rogério Mota

Capa: Pintor: Vilhelm Hammershøi (1864 - 1916)
Pintura: **Interior with potted plant on card table**,
Bredgade 25 | 1910 | Museu de Arte de Malmö

Dados internacionais de Catalogação na Publicação - CIP

F483p Filipini, P.F.

Pôr a prumo o tempo./ P. F. Filipini. – 1. ed. –
Porto Velho: Temática Editora, 2019.
78 p.; 21 cm

ISBN 978-65-5025-012-6

1. Poesia. I. Título. II. Pôr a prumo o tempo.
III. P.F. Filipini.

CDD 869.1
CDU 82-1

Ficha Catalográfica elaborada pela Bibliotecária Zane S. S. Santos CRB 11/1081

Para Todas & Ninguém.

SUMÁRIO

Prefácio	7
Explicando para facilitar a vida do leitor...	9
A autora em seu quintal poético	
INÍCIO	13
SABEDORIA	14
VOLTAR-SE PARA SI MESMO	15
FRUTO	16
ÁRVORE	17
CARNEIROS	18
NOITE	19
ABISMO	20
SIMPLICIDADE	21
ENVELHECIDA	22
PÁSSARO	23
O BEIJO	24
A MORTA	25
VIGÍLIA	26
SOMBRA	27
LUXO É OLHAR-TE	28
ESSA CAMA TE PERDOA TODOS OS DIAS	29
RIO MADEIRA	31
BRASIL	32

SYLVIA	33
O AMOR NUNCA SERÁ O BASTANTE	34
ESCURIDÃO	35
POESIA	36
SILÊNCIO	37
MANUAL DO SOLITÁRIO	38
MISÉRIA	40
CORPO	41
LIBERDADE	42
ESPERA	43
CERIMÔNIA	44
30 ANOS	45
ANGÚSTIA	46
FOME	47
PAISAGEM	48
FERRA-TE EM DELICADEZA	49
SER ADMIRADA, JAMAIS AMADA	50
A TRISTEZA É GAIA	52
TENS O CAMPO	53
BALLADE N. 1 IN G MINOR, OP. 23	55
PESO	56
BAFO DAS HORAS	57
GLÓRIA	58
TALHAR UM CORAÇÃO AO SOL	59
FIM	60

O editor visitando o quintal poético da
autora em busca de uns dedos de prosa 61



PREFÁCIO

Há uma profundidade.

Vai além do limite.

A natureza sóbria que deseja morte,
a natureza maravilhosa que também chama à vida.

Reflexos pizarnikianos perpassam a escrita,
nas entrelinhas e dedicações das dualidades
tão presentes no cotidiano humano,
fim e início, morte e vida, noite e dia,
sofrimento e amor.

Detalhes escondidos em pálpebras.

Sonhos conduzidos por ternura.

Os segredos de verdades escuras.

Verdades pisadas.

Rimbaud sorri no inferno.

Pequenos registros marcando grandiosidades.

O amor terrível e bonito.



Homenagens e conversas que não aconteceram,
com as que deram a vida pela escrita.
Só é possível porque existe a poesia.
A maioria dos medos paralisa.
A escrita de mulher-poeta,
mas como página manchada, diluída,
transgressora e vermelho sangue.
São palavras destes poemas.
São palavras de Pâmela Filipini.

Erlândia Ribeiro
Autora do livro *Superfícies irregulares*
(Kotter, 2019).





Explicando para facilitar a vida do leitor...

Não é todo dia que um editor interfere em um livro de poemas a ponto de transformar as páginas finais em um espaço de conversa com o autor.

A razão disso é que entendemos que a Pâmela tem muito a dizer, mas não fará isso em prosa, espontaneamente. Reservada? Talvez. Fiquemos com este recorte, com esta impressão que não a aborrece.

A ideia, mesmo, é criar, na conversa que teremos, um painel mais vasto do que pensa esta poeta combativa, que teima em deixar sua marca na literatura, espaço onde encontrou acolhida às suas inquietações, quintal para suas sementeiras poéticas.

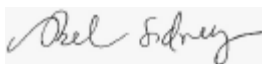
Pâmela vive da e para a palavra. A sua partilha é comedida, principalmente ao vivo, pois prefere o refúgio do seu quintal-mundo,



onde faz companhia a si mesma, imersa em
solidão produtiva e reconfortante...

Trazê-la para perto dos leitores é,
portanto, nossa tarefa. Ela tem o que dizer e
há de fazê-lo, por escrito, sem pressa.

Já a imagino num canto do seu quintal-
-mundo, entre as árvores, entregue a si mesma,
livre para responder (ou não) às minhas
intrometidas perguntas...





A autora em seu quintal poético

INÍCIO

Meu início é o meu silêncio.

Nada mais que um útero faminto
mendigando o mundo.



SABEDORIA

Fui violada em regiões onde pensei
não existir violação.

A Árvore firme do Espírito

nunca regressa,

a Sabedoria de uma raiz nunca desperta
mais que o fundo das coisas, que é toda
coisa em seu verdadeiro Sofrimento:

lá onde se rege os ferimentos

antecipando o Amor para seu Fim

preparando o Início de alguma coisa.



VOLTAR-SE PARA SI MESMO

Voltar-se para si mesmo.

Dar-se em Ternura aos fluentes de espírito
e rebanhar a Solidão que cresce montanhosa
no interior das árvores.

Dar de comer ao Tempo.

Sonhar a Velhice sem infestar o Silêncio.

Dar de comer aos povos de cada Artéria.

Fechar-se em Semente.

Criar medula na possibilidade de Fruto.

Colher-se no fim da vida que é,
irrevogavelmente, agora.

É nisto que me alegro

— sem nenhuma misericórdia:

a feia e magra sensação do infinito.

Um olhar às estrelas e se saber tudo o que há
não sabendo de coisa alguma senão a coisa
feita do que sonhamos.



FRUTO

Eu me fechei em Caróço tão secretamente
que os Frutos se suicidaram dentro de mim
fazendo-me impor à morte:
uma Grandeza que não pedi ao meu Sangue.



ÁRVORE

Decerto que há uma Árvore
dentro da Morte para expulsar-me
quando ainda não é Hora,
quando ainda há o que se voar

dentro da minha Ilusão.

Tenho de pôr a prumo o Tempo
certo das coisas e procurar a pálpebra
escondida do Silêncio.



CARNEIROS

I.

Sonhei meus Carneiros.

II.

O Campo era-me gasto
como um corpo deprimido
lavrado em Ternura, jamais tocado por ele.

III.

Meu Rebanho sou eu.

IV.

Quem é a que me sonha?



NOITE

É sempre noite quando estou lúcida.



ABISMO

O meu Abismo se alarga
quando não luto por ele.
Devo ter cuidado com isto que me cerca:
o desejo de não ser Grande o suficiente.



SIMPLICIDADE

Morre a flor despercebida,
a saudade sente a terra,
eu não faço prece alguma
pois sei a verdade.



ENVELHECIDA

É vela onde me escureço.
Esta coisa velha que sou,
exposta ferida que dá à luz
ao fracasso excelente:
um instante no interior
do mundo.



PÁSSARO

É o céu que me aprisiona:
só sou livre dentro de mim.



O BEIJO

Ao beijar-te fiz coisas irrelevantes
para o meu medo.
Construí uma casa com o teu nome
para fazer habitação onde não eras.

